

## DEIR EL MEDINA: DEUSES E ESCRITAS DE SI NA EPIGRAFIA (AS ESTELAS VOTIVAS)

Margaret M. Bakos\*

### **Resumo:**

*A História constitui-se por discursos sobre o mundo e a sociedade. Quando os textos que a registram são escritos em hieróglifos, a narrativa torna-se mais instigante pela presença de signos sob a forma de imagens – os ideogramas. Hoje, o uso desses signos está de volta ao cotidiano planetário nos sinais de trânsito, nos emoticons e nas propagandas. Esse fato torna moderno e mais desafiante o estudo das epígrafes: elas evidenciam uma unidade frente à diversidade dos meios de comunicação desenvolvidos pelo homem ao longo de milênios. Este artigo propõe-se a evidenciar as estratégias narrativas empregadas pelos antigos escribas na comunicação com os seus deuses, em pedras que, por natureza, são fontes indelévels.*

**Palavras-chave:** *Deir el Medina; epigrafia; deuses e escritas de si; hieróglifos; Antigo Egito.*

### **1. Observações iniciais**

Em uma bela palestra, proferida em 1996, no III Congresso Nacional de Estudos Clássicos, promovido pelo Laboratório de História Antiga (Lhia), o Prof. Dr. José Manuel dos Santos Encarnação já apontava a importância dos documentos epigráficos para o trabalho do historiador, especialmente no que concerne à pesquisa sobre a vida cotidiana. O ilustre professor referia-se, no caso em particular, às epígrafes romanas, relegadas a segundo plano em relação às fontes literárias (ENCARNAÇÃO, 1996, p.101-8). O objetivo do presente artigo é demonstrar a relevância dessas fontes na recuperação da história egípcia, em especial a dos operários de Deir el Medina. Suas últimas mensagens comprovam a unidade existente

---

\* Professora adjunta da PUC-RS, pesquisadora do CNPq.

entre os egípcios de diferentes camadas sociais, dos operários aos faraós: todos eles buscavam agradar aos mesmos deuses na espera de retorno semelhante – a solução de problemas terrenos e/ou a passagem para a outra vida.

## **2. Apontamentos sobre a história de Deir el Medina**

O nome **Deir el Medina** que, em árabe, significa *O mosteiro da vila*, foi conferido na modernidade: quando da fundação da vila, no período entre as XVIII e XX dinastias, o lugar chamava-se *Sede da verdade* (CERNY, s/d., p.9).

Em Deir el Medina, viveram, ao longo de 450 anos, os trabalhadores encarregados da construção e decoração, nos vales da região tebana, de templos, tumbas e obeliscos, alguns deles monumentais, pertencentes aos faraós, seus familiares e à nobreza egípcia, a partir da XVIII dinastia (1550-1307), responsável pela expulsão dos hicsos, até o início do 3º Período Intermediário. A morte de Ramsés III determinou, com o final da XX dinastia e a criação da XXI dinastia (1070 a.C.), o abandono da região e o retorno da corte para o Baixo Egito.

As fontes deste artigo são estelas, provenientes das escavações sistemáticas que vêm sendo realizadas, a partir de 1920, em Deir el Medina, por iniciativa do egiptólogo Bernard Bruyère (1879 - 1971), do Instituto Francês de Arqueologia Oriental do Cairo. A maioria das estelas foi encontrada no cemitério da vila (TOSI; ROCCATI, 1971, p.15). O tom das preces e as imagens que os escribas de Deir el Medina gravaram em seus monumentos funerários vão além dos padrões da arte e da comunicação canônicas do Egito Antigo. Por tal razão, essas fontes, já muito estudadas, conferem à rotina dos operários faraônicos uma originalidade e atualidade inusitadas.

## **3. Apontamentos sobre as fontes e a historiografia**

Lamentavelmente, a historiografia sobre as estelas de Deir el Medina é pobre em língua portuguesa. É preciso ter presente que, apesar de suas funções prioritariamente funerárias, essas obras de arte egípcia falam menos de morte do que de vivências, amores, temores e costumes de pessoas bastante simples em seu cotidiano, que, embora muito distantes do homem contemporâneo, mantêm uma enorme força de apelo sobre ele (MARTIN, 1990).

Neste artigo, propõe-se a análise de três estelas, publicadas no livro intitulado **Stele e altre epigrafi di Deir el Medina**. A referida obra é resultado do trabalho em conjunto de dois pesquisadores: Mario Tosi, que se ocupou da parte arqueológica, e Roccati, que ficou responsável pela documentação filológica relativa às inscrições nas estelas.

Esse livro, como fonte, constitui um aporte monumental: são 365 páginas, com duas vezes o tamanho de uma folha A4, cada uma delas contendo fotos referentes às 262 estelas analisadas por inteiro e/ou fragmentos. Pela riqueza do acervo, ainda pouco divulgado, valeu o esforço de ter trazido de Torino, em 1990, o volume em mãos. O livro oferece, em síntese, uma preciosa sistematização de um tipo específico de estelas, **as votivas**, cujo próprio nome enuncia seu objetivo: o cumprimento de uma promessa, apresentando-se como uma réplica não funcional, puramente decorativa, de algo que o morto desejaria oferecer a alguma divindade.

### 3.1. Categorias de estelas

As estelas são, em síntese, um monólito, em geral de pedra calcárea, no qual está esculpida, em relevo, a imagem do dono da tumba em que ela foi colocada. O morto aparece fazendo oferendas a um deus, acompanhado por fórmulas apropriadas de encaminhamento e cortesia, em que seu nome e seus títulos são citados. As inscrições são geralmente gravadas em oco, isto é, escavadas. Em alguns casos, há um cômputo das atividades do morto.

As estelas são, usualmente, de natureza funerária, votiva, comemorativa, ou servem como preliminares a um processo, embora essas quatro categorias sejam, muitas vezes, sobrepostas (SHAW&NICHOLSON,1995, p.278).

As mais antigas estelas encontradas foram em cemitérios da 1ª e 2ª dinastias, mas tornam-se mais frequentes no início do Médio Reino, continuando em uso por muito tempo. Ficavam localizadas no ponto mais alto das capelas de oferendas, sendo erguidas e encostadas a um muro e/ou ajustadas às paredes. Com um topo geralmente arredondado, diferenciavam-se de outro tipo de painel que simulava a “falsa porta”, uma representação característica do Antigo Reino, que, aliás, jamais foi descartada completamente.

Existem estelas funerárias às centenas, espalhadas por museus do mundo inteiro, mas, como informa Georges Posener (POSENER, 1988, p.275), em tom de brincadeira, essas velhas pedras faraônicas ou são muito belas, ou são patéticas, podendo algumas delas ser consideradas até mesmo banais.

Segundo Posener, as mais comuns obedecem especialmente a dois formatos: retangulares e/ou com a parte superior arredondada, formando uma moldura apertada para conter as imagens e textos. Tosi e Roccati referem ainda um formato distinto de estelas, adotado no Novo Reino, que apresenta uma cúspide piramidal sobre o frontão arqueado. Essas adotam, portanto, um formato híbrido, porque resultante da combinação entre a estela e o pirâmideo, detalhe arquitetônico desenvolvido no Reino Antigo. Dentre as modificações identificadas pelos autores, está o enquadramento da estela por meio de uma corniche em forma de porta, com o propósito de imitar a falsa porta da tumba, anteriormente referida.

Mas, em definitivo, existem, segundo Posener, duas categorias de estelas com funções bem diferentes:

- a) **As grandes estelas reais**<sup>1</sup>, raras e muito importantes para os historiadores. Trata-se de uma espécie de aviso oficial, erguido em lugares públicos: templos, fortes e caminhos. No alto delas, um sol alado domina um rei e um deus na execução de um rito de oferendas; abaixo, há um texto em hieróglifos com as necessárias referências ao faraó, mencionando suas vitórias, expedições econômicas, embelezamentos de santuários ou oficializando a publicação de um decreto real;
- b) **As estelas funerárias**, muito mais comuns, colocadas nas capelas das tumbas. Posener informa que a evolução morfológica e funcional dessas estelas é muito complexa. Em todos os casos, elas significam um ponto de comunicação entre o mundo inferior e o terrestre. Assim, a relação estabelecida entre a estela e a falsa porta nas mastabas do Velho Reino, por exemplo, tinham, com certeza, a função de uma porta verdadeira. Era através dela que o morto receberia os indispensáveis alimentos e ritos, trazidos para ele pelos vivos; era através dos olhos gravados na pedra que a luz chegaria diariamente ao falecido.

#### 4. Sobre as estelas de Deir el Medina

Segundo Tosi e Roccati (1972, p.211), o numeroso conjunto de estelas e monumentos epigráficos localizados em Deir el Medina permite sua classificação sistemática por séries correspondentes a categorias diversas, que vão dos detalhes decorativos à sua procedência, uma vez que todos

esses monumentos têm origem e datação, ficando circunscritos a um determinado lugar e período. Pelas técnicas, estrutura, decoração e formulação de textos, as estelas são um *espelho fiel do seu tempo* no que concerne à configuração de costumes, ritos e objetos adotados em vida pelo destinatário. Em princípio:

*(...) as estelas são um gênero típico de monumento de família, que comumente apresentam pessoas que querem recordar no âmbito da parentela em geral muito extensa e constitui uma genuína recordação individual. Tudo esculpido em calcáreo local.* (TOSI; ROCCATI, 1972, p.211)

A definição de eixos categoriais para o estabelecimento de séries nesse fabuloso *corpus documental* inicia com a observação da forma externa das lápides, seguida da consideração a aspectos tais como a discriminação do espaço por elas ocupado e a variedade de inscrições nelas contida. Tosi e Roccati admitem a afirmação de que a maior parte das estelas está longe de apresentar uma unidade textual: elas podem, isto sim, ser subdivididas em diversos grupos de textos hieróglifos, que vão de extensas preces a breves denominações, executados à perfeição. Grande parte tem inscrições em um só lado, mas os autores encontraram algumas com inscrições nos dois lados.

Ao examiná-las, o primeiro passo é a verificação de seu pertencimento a um só morto: nesse caso, incluem-se na categoria de privadas. Nessa categoria, datada do início da XVIII dinastia até o final da XIX, foi utilizada, na maioria das vezes, a técnica do baixo relevo para os elementos decorativos, enquanto os hieróglifos aparecem sempre gravados. Tal técnica é associada a uma característica tipológica de um grupo de estelas do 1º período da XVIII dinastia, qual seja: um registro único, em uma ou duas linhas de escrita, constantemente do lado esquerdo, no qual se encontra uma figura sentada; do lado direito, eventualmente, aparece uma figura em pé, em posição de oferenda (TOSI; ROCCATI, 1972, p.212).

Há estelas muito específicas do tipo 3h-ikr (50013-50024), contendo uma cena única que se sobrepõe a uma ou duas linhas de escrita hieroglífica. Essa cena representa o defunto diante de um altar. Aparecem símbolos mágicos em tamanho expressivo frente ao conjunto, tais como o olho, o carneiro e vasos de oferendas. Em geral, o defunto tem uma flor de lótus na mão, símbolo do sol nascente e, portanto, da vida.

Finalmente, encontram-se as estelas denominadas **água furtada** e ainda as **dos animais**. A primeira série agrupa aquelas colocadas na fachada oriental da pirâmide que encimava a capela. Todas elas têm em comum o tema decorativo: no registro superior, comparece a barca, contendo os símbolos solar e lunar sobrepondo-se ao símbolo do céu; já o registro inferior está inteiramente ocupado por um texto em coluna vertical, composto, à direita, por expressões de piedade e, à esquerda, por representações dos que a dedicam. Em alguns casos, as divindades representadas no registro superior são Amenofis I no trono e/ou sua mãe Ahmose Nefertari Khonsu, em Tebe-Neferhotep.

Nas estelas com figuras de animais, a parte inferior é ocupada por um texto, e a superior, por dois animais, um de frente para o outro: dois gatos, dois olhos, ou, misturados no registro superior, uma andorinha sobre um altar e, no inferior, um gato. Em algumas delas, no registro superior, há um carneiro de Amon e, no inferior, dois pequenos hipopótamos, representando Seth (TOSI; ROCCATI, 1972, p.214). Os registros versam sobre a teoria do oferecimento.

Algumas estelas de Deir el Medina são classificadas por Tosi e Rocatti como heterogêneas, pois misturam vários deuses, em especial divindades asiáticas, como Qadesh e Reshep (TOSI; ROCCATI, 1972, p.215). Há, ainda, as de trabalhadores que vieram de Amarna, cidade criada pelo herético faraó Akhenaton, nas quais aparecem sinais de martelamento do nome do deus Amon, uma vez que era obrigatória a adoção do nome de Aton, o deus criado por Amenófis IV.

Um número considerável de estelas permanece com as cores originais; daí passarem a constituir uma série própria. Nelas aparecem tons de vermelho, negro, amarelo, azul, branco e verde. O vermelho é aplicado na parte desnuda das imagens masculinas e nos contornos, particularmente das linhas dos espaços destinados à escrita. As duas últimas cores são as mais raras. Os hieróglifos são sempre inscritos em cor azul ou negra. O preto também é muito empregado nas bordas; já o amarelo é reservado para o fundo. Nos casos em que se percebe o processo de preparação, o traçado foi feito em vermelho e, posteriormente, contornado pelo preto.

Quanto aos objetos representados, é possível observar que recebem cor semelhante à que possuem na natureza: as perucas são negras; as vestes das pessoas, brancas; a água e o céu, azuis. As partes desnudas das mulhe-

res podem ser vermelhas, como no caso do homem, mas também aparecem em amarelo e/ou rosa.

Pela utilização de cores, podem-se apreender aspectos da imaginação e artesanania egípcia, bem como inferir os parâmetros adotados pelos artesãos. Por exemplo, eles usavam as cores na arte, segundo Geoffrey Martin (MARTIN, 1990), porque a viam “*frequentemente uma evocação alegre da vida e sua continuação para a eternidade*”. Assim:

- o **amarelo** era usado na representação de cântaros, pães, esteiras, colunas, braseiros portáteis, colares, cestos, barcas, gatas, lua crescente, peles de pantera, carneiros, vestes de Khnum e de Anúbis;
- o **vermelho** era empregado na representação de tronos, discos solares, montanhas, portas dos nãos, cones de unguento, pupilas do olho (uedjat), figos, pães, oferendas na forma de roscas, hipopótamos, jubas de leão e uraeus, vestes de Sekhmet e Anuquet e coroas;
- o **azul** era utilizado na representação de tronos, flores de lótus, penteados dos deuses, bancos;
- o **verde** era usado nas ofertas de flores, partes descobertas de vários deuses, vestes de Hathor;
- o **negro** aparece representando andorinhas.

Há exemplos de cromatismo misturado, como no caso de um trono azul e rosa, de orelhas rosa e azul, de serpente rosa e amarela, além de escolhas cromáticas arbitrárias para os corpos de vários deuses, em harmonia com as convenções reguladoras da representação das divindades, as quais definiam o modo convencional de representação em todo o Egito. Assim, a deusa ctônica Ahmose Nefertari é configurada em negro, com uma veste rosa; o deus Min é pintado em negro; o deus Ptah é representado em branco, com crâneo e barbas negras, e rosto e colar verdes; o rosto de Osíris também é verde e os de Amon-Re e Khonsu são azuis; as vestes de Satet e Mertseger são azuis, a de Anubis canino é negra e a de Horo é sempre vermelha como os homens.

Especial atenção merecem as figuras humanas das epigrafias. Além das representações antropomórficas dos deuses, encontra-se certa variedade de tipos humanos: homens, mulheres e crianças são representados em

várias posições - sentados em uma cadeira (marido e mulher em um único divã); em pé; ajoelhados, com o braço elevado em ato de oração; em marcha em cortejos, com as oferendas na mão; em pé junto às vítimas animais a serem sacrificadas; em atitude de negligência ou sinalizando sofrimento. As crianças são representadas nuas e com baixa estatura; os adultos, vestidos segundo a moda de seu tempo, adotando forma distinta para homens e mulheres. Sendo a população de Deir el Medina relativamente modesta, os elementos do vestuário referiam-se, sobretudo, a perucas e vestes, faltando, em geral, calçados e outros enfeites.

É sempre válido observar as vestimentas: no que tange à indumentária masculina, por exemplo, houve mudanças significativas da XVIII dinastia à idade raméssida. Nas estelas mais antigas, sobre um cinto curto que cobre os flancos, há um saiote transparente que cai até a barriga da perna e, algumas vezes, a utilização de uma túnica (p.216). As vestes de Amarna são ainda mais diferenciadas: usa-se sobre as túnicas, uma veste fina, transparente e delicada, que vai quase até os pés; à volta, um pano rígido de aparência triangular. As epígrafes também informam sobre o vestuário feminino - tema, aliás, que já rendeu inúmeros capítulos na literatura especializada sobre a mulher no Antigo Egito.

É importante mencionar, ainda, outro tipo de série construída sobre as divindades, assim divididas:

#### **(a) Divindades funerárias**

**Osíris:** antropomorfo, representado, às vezes, em pé; outras, sentado;

**Anúbis:** representado como um chacal;

**Ptah:** antropomorfo, representado sentado;

**Hathor:** antropomorfa, representada, às vezes, em pé; outras, sentada;

**Mertseger:** antropomorfa com testa de serpente, representada, às vezes, em pé; outras, sentada;

**Ísis:** antropomorfa, representada sentada;

**Rattai** (mulher de Montu – o deus da guerra de Tebas): antropomorfa, representada sentada;

**Amenófis:** antropomorfo, representado, em geral, de pé;

**Ahmosis Nefertari:** antropomorfa, representada, às vezes, em pé; outras, sentada.

Esses deuses levam nas mãos os símbolos de ankh e o cetro was e dd.

### (b) Divindades tebanas

**Amon-Ra:** antropomorfo – teriomorfo (carneiro e ganso), representado, às vezes, como itifálico;

**Mut:** antropomorfa, aparece com a coroa pschent;

**Khonsu:** antropomorfo;

**Montu:** com cabeça de falcão;

**Símbolos ank, cetro was:** papiros hka (p.218) Sn, ventarola, dd.

### (c) Deuses solares

**Horus:** falcão, aparece com a coroa pschent;

**Re-Harakhte:** falcão, aparece com o disco solar na cabeça;

**Maat:** antropomorfa, aparece com pluma na cabeça;

**Thot:** testa de Íbis, representada com a crescente lunar e o disco solar;

**Soped:** adorado no Baixo Egito, associado à fronteira e a Hórus;

**Nebethepet:** Essa deusa é excluída da lista dos deuses solares. Trata-se de uma deusa de Heliópolis, cujo epíteto é *Senhora das oferendas*, cobrindo uma função mais intelectual. Ela é a contraparte feminina do princípio masculino da criação, representado pelo deus Atum. Foi transformada em uma manifestação de Hathor em Heliópolis (HART, 1986, p.13).

### (d) Deuses estrangeiros

**Min:** antropomorfo, representado como itifálico, com duas plumas na mão e um leque de penas, estranhamente incluído no grupo de deuses estrangeiros pelos autores (TOSI; ROCCATI, 1972, p.218);

**Qadesh:** antropomorfa sobre um leão, representada frontalmente nua, com um nódio e uma peruca hatórica na cabeça;

**Reshep:** antropomorfo, representado em pé, com chapéu asiático (alta coroa cônica ornamentada com uma gazela e um longo laço).

É possível formar séries considerando os objetos representados nas epígrafes, tais como mesas, suportes de oferendas, bancos com pernas leoninas, recipientes de bebida e comida do tipo cálice, saquinhos com cereais, pães, carnes, figos, romãs, flores de lótus. Os procedimentos adotados

por alguns ritos também podem ser observados nas estelas, como reuniões familiares; cerimônias de abertura da boca (pela qual a magia confere ao morto acesso a todas as faculdades que tinha quando vivo). Essas cenas são cópias das ilustrações dos **Livros de passagem**: o de **abertura da boca** e o **Livro dos mortos**, principalmente. A devoção a alguns deuses, em particular a Mertseger e a Amenófis I, pode ser interpretada como índice de piedade pública dos mortos, pois esses são deuses tutelares da vila, e suas presenças com atribuições funerárias se devem a desejo particular do morto de pedir proteção a toda a população, além de para si próprio.

Segundo os especialistas, o fato de Deir el Medina ser uma vila constituída por artesãos qualificados possibilitou a feitura de estelas excepcionais devido à superfície preparada com esmero, com exemplos de incisões e relevos perfeitos e utilização de linguagem figurativa de maneira correta, com raras expressões equivocadas. As estelas trazem à luz as produções de artistas habilidosos e sensíveis, que aprendiam ortografia e estudavam iconografia em obras disponíveis na biblioteca da vila (TOSI; ROCCATI, 1972, p.220).

#### 4.1. Teorizando sobre três estelas votivas de Deir el Medina

Era atribuição do artesão de Deir El Medina a decoração de suas tumbas<sup>2</sup> e das estelas votivas. Por essa razão, há consenso entre os egiptólogos, manifesto nas palavras de Leonard Lesko, de que as estelas são a melhor evidência da piedade e religiosidade do povo da vila, constituindo expressões “individuais de fé e confiança em uma ou outra divindade, gratidão por seus favores, petições na adversidade” (LESKO, 1984, p.89).

De acordo com a egiptóloga norte-americana, Gay Robins:

*...cultos nos templos servem a religião estatal, a qual funciona em um nível cósmico para manter a ordem e o funcionamento do universo. Enquanto indivíduos podem participar como pessoas nos rituais, esses últimos não visavam necessidades pessoais.* (ROBINS, 1993, p. 158)

Robins constatou que, do Reino Médio (2040-1782 a.C.) em diante, pessoas privadas podiam colocar estelas votivas e estátuas nos interiores dos templos, com o objetivo de estabelecer um elo entre o indivíduo e o templo (ROBINS, 1993, p.157). Muitas dessas estátuas, em formas variadas, sobreviveram. Entre os tipos mais comuns, encontram-se estátuas

sentadas, em blocos, ajoelhadas ou em pé, portando estandartes. Como os donos dos templos, em geral, eram homens, elas podem ser incluídas na série de estátuas dedicadas pelos homens.

Entretanto, as mulheres, como os homens, também podiam erigir estelas votivas em templos. Essas estelas adotavam frequentemente fórmulas padronizadas: *fazendo uma prece (a divindade), beijando o solo antes dele (o nome do deus) para o ka do (dedicado)*. Segundo Robins, das 24 estelas por ela encontradas na região da esfinge, em Giza, 20 eram dedicadas por homens sozinhos e nenhuma por uma mulher. Da mesma forma, de 17 estelas votivas oriundas do templo de Ptah, em Menfis, 11 eram dedicadas por homens e apenas duas por mulheres. Ela contou as figuras representadas: 25 eram de homens e 7 de mulheres, sendo que as mulheres com estelas votivas eram chamadas, às vezes, de senhoras da casa, e outras, de músicas. Tratava-se, portanto, de uma elite, que contava com um homem para pagar o monumento (ROBINS, 1993, p.159).

Robins informa que os homens preferiam dedicar estelas votivas às divindades femininas, também favoritas em Deir el Medina, segundo Tosi e Roccati. A mais cultuada era, sem dúvida, Mertseger, a serpente, que habitava as montanhas, de onde vigiava o vale de Deir el Medina. Daí ser um de seus epítetos *Aquela do cume do Ocidente*, e gozava de grande prestígio na área das necrópoles. Era representada tanto por uma cobra enrodilhada como por uma cobra antropomorfa, com corpo feminino de cuja cabeça se projetava uma carapaça de cobra (ver imagem 50062).

As estelas continham, invariavelmente, pedidos de proteção à deusa, vindos tanto dos operários como dos próprios faraós, fato que pode ser constatado no sarcófago do faraó Ramsés III (HART, 1986, p.118). Muitas estelas reais advêm do santuário de Mertseger, bastante luxuoso; não obstante, só fazem comprovar que a piedade real não se diferencia daquela da população da vila. Elas têm, preferencialmente, a frente arqueada e representam uma cena única, geralmente na parte superior. Provenientes da XIX e XX dinastia, nelas comparecem rei, vizir, cenas da festa Sed, personagens divinos da tríade tebana, principalmente Amon-Re e Ptah, deus criador de Menfis, que também eram adorados juntamente com os deuses tutelares da necrópole: Amenófis I e sua mãe Ahmose Nefertari.

Mertseger também aparece referida nos rituais como *aquela que ama o silêncio*: a deusa era tida como justiceira; dizia-se que castigava com a

cegueira ou com picadas venenosas os trabalhadores que cometessem crimes ou juramentos falsos. As condições de trabalho devem ter contribuído para a difusão dessas crendices, explica George Hart (HART, 1986, p.117), incitando a um enorme medo de cobras e escorpiões. Mas a população acreditava também que Mertseger poderia agir como um *leão buliçoso* que curava as pessoas, quando convencido de seu arrependimento. A deusa foi caindo no esquecimento à medida que a vila foi sendo abandonada, a partir da XXI dinastia (HART, 1986, p.120).

### **Estela n. 50062**



**Proveniência:** Deir el Medina. Coleção Drovetti

**Datação:** dinastia XX

**Material:** pedra calcárea, dimensões: m. alt. 0,43; m. larg. 0,28

**Técnica:** incisão *ad incavo*, execução segura, mas não muito acurada

**Corore:** inexistente

**Conservação:** ótima, conservação da pedra na base

**Estrutura:** frontão arqueado, cena única

**Descrição:** a deusa Mertseger, configurada com corpo feminino e testa de serpente, precede a deusa Tawret, representada com face e corpo de hipopótamo ereto sobre as patas posteriores. Ambas as deusas portam acomodados no modio que sustenta os cornos da vaca e o disco solar. Mertseger porta o cetro *was* e o símbolo *anh*.



“É acordo geral que a forma do Gênio Minoico derivou da deusa Egípcia Taweret, muito embora ela pareça ter sido transformada de uma deusa para um ‘gênio’ protetor pelas mãos dos Sírios...” (BAKOS, 2010, p.94 ).

### Estela n. 50001



**Proveniência:** Deir el Medina, coleção Drovetti

**Datação:** dinastia XIX

**Material:** calcáreo – dimensões: alt. m 0,115; larg. m.0,085

**Técnica:** incisões *ad incavo*

**Conservação:** boa,

**Cor:** inexistente

**Descrição:** a deusa Mertseger é aqui configurada na forma de um ureo, o símbolo do poder real, e porta sobre a testa o módio com um disco solar e as duas plumas altas de Amon, bem como o determinativo da inscrição. Ao canto da deusa, um altar h3t com uma broca nmst e duas flores de lótus.

Uma linha horizontal de hieróglifos delimita a cena.

**Texto:**

Hieróglifos:



*Mertseger.*

Mertseger

Hieróglifos:



*Che ha fatto il servitore Amenemone.*

Que fez o servidor Amenemone

**Prosopografia:** Inexistem elementos que permitam a identificação de Amenemone, mas é possível que essa pequena estela ou ex-voto provenha de uma casa da vila de Deir el Medina, em particular de uma cozinha, local onde se costumavam colocar pequenas **naoi**, dedicadas a Mertseger e a Renenet, em um nicho escavado no muro.

### Estela n. 50026



**Proveniência:** Deir el Medina, collezione Drovetti

**Datação:** dinastia XIX

**Material:** calcáreo branco – dimensões: alt.m. 0,17; larg. m. 014

**Técnica:** incisão ad incavo

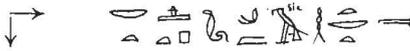
**Cor:** inexistente

**Estrutura:** retangular

**Descrição:** são representadas quatro grandes orelhas humanas simetricamente afrontadas e sobrepostas, separadas por uma coluna de hieróglifos. A estela termina na parte inferior com uma linha horizontal de hieróglifos.

**Texto:**

Hieróglifos:



*Nebethetpet, che ascolta la preghiera, signora del cielo.*

Nebethetpet, que escuta o pedido, senhora do céu

Hieróglifos:



*Che ha fatto Uesertatet.*

Que fez Uesertatet

**Prosopografia:** Não há referências seguras sobre Uesertatet, sua família e atividade específica.

As orelhas referem-se simbolicamente à presteza da mente, à receptividade, ao que deve ser ouvido. Sua presença em lugares sagrados significa que as preces serão ouvidas, sendo uma alusão à boa vontade dos deuses. Muitas estelas mostram imagens de grandes orelhas, pensadas como garantia mágica de que a prece seria levada aos deuses.

O número de orelhas não aparece determinado por regras precisas, cabendo à fantasia popular precisá-lo. Por vezes, ao lado delas comparecem olhos, nem sempre em mesmo número. A estela n. 50026 é uma das duas quadrangulares encontradas em Deir el Medina. Entretanto, orelhas aparecem em outras estelas, isoladamente ou em pares.

## **5. Apontamentos finais sobre estelas funerárias, deuses e escritas de si em Deir el Medina**

Muitos deuses foram cultuados na região de Tebas. Hathor, a dama do Ocidente, foi, sem dúvida, a primeira a ser ali adorada. Ela pode apresentar o aspecto do seu animal sagrado, a vaca; o de um instrumento musical, o sistrum; e/ou o de um pássaro, o íbis negro. As outras divindades cultuadas eram Amon, companheiro de Hathor (sob a forma de carneiro); Amenófis e a rainha Ahmés Néfertari, fundadores da vila; e todos os soberanos do Novo Império que ali foram enterrados, como Tutmés III. Eles possuíam

capela e recebiam devoções regulares, juntamente com Ptah, o senhor do vale das rainhas.

Há, ainda, a deusa Mertseger, que divide com Ptah o santuário do vale das rainhas: trata-se de uma divindade possivelmente originária das entidades funerárias, evocadas nos muros das tumbas do vale dos reis. Identificada notadamente com a cúpula tebana, ela tornou-se, por essência, a protetora de Deir el Medina, a quem os habitantes recorriam em busca de ajuda, homenageando-a publicamente com a edificação de um incrível número de monumentos, e, privadamente, com santuários com imagens suas no seio de seus lares. Ela foi a única divindade para quem as oferendas em trigo foram sistematicamente reservadas sobre o montante global de rações distribuídas no reino de Ramsés IX. Seus avatares são múltiplos: vaca, leão, esfinge, mas, principalmente, serpente (VALBELLE, 1985, p.315).

Um número grande de outras divindades gozava, ainda que de forma diversa, do favor popular, notadamente aquelas reputadas como benéficas para os lares e os nascimentos, e também para fenômenos próprios de um ambiente composto por homens advindos de horizontes diversos. No período raméssido, difundiram-se crenças ainda mais exóticas, como a prática de cultos em províncias afastadas, muitas delas de origem estrangeira (VALBELLE, 1985, p.316).

Renenetet, seguidamente assimilada a Mertseger, em razão da aparência ofidiana que partilhavam, era especializada em questões domésticas e na puericultura. Os talentos que lhe eram atribuídos valeram-lhe provas de fervor nas festividades mais importantes. Ela era adorada na parte externa dos lares.

Dentre todas, não obstante, a deusa mais popular entre os trabalhadores era Tawret, que simbolizava a fecundidade. Juntamente com o deus Bês, era não apenas objeto de inumeráveis devoções individuais, mas também homenageada nas festividades mais importantes. Seu animal sagrado, o hipopótamo, habitava o Nilo<sup>3</sup> (BAKOS, 2010). O deus Bês, embora apareça representado tanto na intimidade dos lares reais - na cabeceira da cama de Amenófis III e Tyi - como em pequenos santuários em todas as casas dos trabalhadores, jamais foi representado em estelas ou possuiu um templo próprio.

Para concluir, é importante ainda fazer uma referência aos hieróglifos pela sua relevante função na epigrafia. Há, no mínimo, quatro razões para

se trazer à baila esse aporte final. A primeira delas diz respeito ao seu valor como fonte histórica privilegiada, tornando acessível a análise da vila dos egípcios antigos tal como é por eles próprios descrita, ao invés de examiná-la via olhar de seus dominadores, especialmente os gregos e os romanos, como foi feito até o século XIX. Daí a importância do achado da Pedra de Roseta, um mesmo texto escrito em duas línguas - a egípcia e a grega - e registrado em três escritas - a hieroglífica, a demótica e a helena : ele oferece, em razão desse registro, a possibilidade espetacular de decifração dos hieróglifos, tornando-se fundamento de uma nova ciência, a egiptologia.

A segunda razão é de cunho estético, dizendo respeito à natureza da escrita hieroglífica que, em lugar de letras, se utiliza de signos tomados por empréstimo de seu contexto de criação, o que, de certa forma, instiga e aumenta a magia desses signos milenares. Trata-se da mais bela forma já inventada de grafar uma linguagem falada: por haverem sido registrados em inscrições harmoniosas e em cores, alguns desses textos ainda permanecem.

Os ideogramas e determinativos, imagens que compõem essas escritas nas estelas, constituem objetos, animais, pessoas e partes humanas (como as orelhas), o que possibilita a leitura das mensagens sem a necessidade do conhecimento específico dos sinais fonéticos, esses, sim, de domínio de poucos.

Finalmente, a última e, talvez, a mais relevante das razões para se estimular o diálogo entre a escrita do Antigo Egito e Clio, na pedagogia da História, deve-se ao fato de que, hoje, os ícones estão de volta - mais do que isso: estão na moda (HENRIQUES, 2008). Cabe, assim, examinar a capacidade que os hieróglifos ainda têm de mobilização, de sintonia com os jovens, provocando-lhes emoções. Como ensina Paulo Freire, o conhecimento é produto da interação com a realidade, com o mundo material e as sensações imediatas por ele causadas e/ou por suas representações.

A moderna pedagogia ensina que, antes mesmo de a criança compreender o vínculo que as letras possam ter com a expressão de alguma realidade, que as letras possam dizer algo, ela ensaia a leitura da realidade em desenhos, gravuras e fotos, ou seja, em imagens gráficas, associando-as à capacidade de expressar aspectos do real, sem suspeitar que um conjunto de risquinhos possa fazer o mesmo (GROSSI, 1990, p. 33).

A experiência tem demonstrado que, ao se defrontarem com uma escrita tão antiga, que comunica de forma semelhante àquela a que desde

criança estão habituados, os estudantes passam a se interessar pela história dos seus criadores e, conseqüentemente, da humanidade! Assim, finalizo com uma sugestão de que, dentre a diversidade de fontes empregadas em sala de aula para falar do Egito antigo, se faça uso das estelas votivas de Deir el Medina em especial.

**DEIR EL MEDINA: GODS AND WRITINGS IN EPIGRAPHY.  
(THE VOTIVE STELAE)**

***Abstract:** History is made of discourses about the world and the society. When the texts that register history are written in hieroglyphs, the narrative turns to be more instigant for the presence of signs under the form of images – the ideograms. Nowadays, the using of this signs is back in traffic signs, in emoticons and advertisements. This fact makes modern and more challenging the study of the epigraphes. They evidence a unity through the diversity of communication media developed by men along the millenia. The purpose of this article is to demonstrate narrative strategies used by the ancient scribes in the communication with their gods in stones that, by nature, are ineffaceable.*

***Keywords:** Deir el Medina; epigraphy; gods and writings of himself; hieroglyphs; ancient Egypt.*

**Referências bibliográficas**

BAINES, J.; MÁLEK, J. **Atlas Ancient Egypt**. 1996, p.84.

BAKOS, M. M. **Fatos e mitos do antigo Egito**. Porto Alegre: Edipuc/Bakos, 2003.

\_\_\_\_\_. Desdobramento de um desejo. In: FUNARI, P. P. (Org.) **Amor, desejo e poder na Antiguidade**. Campinas: Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_. **Egiptomania: o Egito antigo no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. Eu faraó. E você? In: FUNARI, P. P.; SILVA, M.A., **Identities**. São Paulo: Annablume, 2009, p.15-39.

\_\_\_\_\_. A presença egípcia no Mediterrâneo antigo: deus e símbolos. Palestra apresentada no **I Encontro Internacional e II Nacional de estudos sobre o Mediterrâneo antigo**. Rio de Janeiro: Uerj, Núcleo de Estudos da Antiguidade, 2010.

CARDOSO, C. F. Gênero e literatura ficcional: o caso do antigo Egito no IIº milênio. *In*: FUNARI, P. P.; SILVA, M. A. (Org.) **Amor, desejo e poder na Antiguidade**. Campinas: Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_. Também com a imagem se faz história. **Cadernos do ICHF**. Niterói, n.32, set. 1990.

\_\_\_\_\_. Iconografia e história. **Revista Interdisciplinar de Cultura**. Rio de Janeiro, n.1, 1990.

\_\_\_\_\_. Estela fronteira de Senusret III (aproximadamente 1878-1841 a.C.). *In*: **Semna (Núbia, segunda catarata do Nilo), data aproximada de 1862 a.C.**. Manuscrito do autor.

DUARTE, E. B. **Fotos & grafias**. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

ELLIS, N. Deusas e deuses egípcios. **Festivais de luzes**. São Paulo: Madras, 2003.

ENCARNAÇÃO, J. M. Epigrafias latinas e história romana. **Phoinix**, Rio de Janeiro, n.2, p.101-8, 1996.

HENRIQUES, C. C. **A volta dos hieróglifos**. Documents and settings/Local Settings/Temporary Internet Files, 26/5/2008, 16 h.

LESKO, L. **Pharaoh's workers**. Cornell: Cornell University, 1984.

MARTIN, G. Funerária, mas não funérea: reflexões sobre a arte egípcia da XVIII dinastia. *In*: BAKOS, M. M. **Anais do IV Simpósio de História Antiga e I Ciclo Internacional de História Antiga Oriental**. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

POSENER, G. **Dictionnaire de la civilization égyptienne**. Paris: Fernand Hazan, 1988.

ROBINS, G. **Women in ancient Egypt**. Londres: London British Museum, 1993.

QUIRKE; SANTOS, M. Entre vivos e mortos: modificações e reutilizações do espaço na vila de Deir el Medina. *In*: **III Encontro Nacional de Estudos egiptológicos**. Rio de Janeiro: UFF, 2008.

SPENCER. **The British Museum book of ancient Egypt**. Londres: British Museum Trustees, 1993, p.114.

SHAW, I.; NICHOLSON, P. **British Museum Dictionary of Ancient Egypt**. London British Museum Press, 1995

TOSI, M.; ROCCATI, A. **Stele e altre epigrafi di Deir el Medina**. Torino: D'Arte Fratelli Pozzo, 1972.

VALBELLE, D. **Les ouvriers de la tombe**: Dei el-Medina à l'époque ramesside. Cairo: Institute Français d'Archéologie Orientale du Caire, 1985.

### Notas

<sup>1</sup> Inclui-se neste grupo a estela fronteira de Senusret III (aproximadamente 1878-1841 a.C.) Em Semna (Núbia, segunda catarata do Nilo). Cópia-papel do tradutor Ciro Flamarion Cardoso, 1995. Ano 16, mês 3 de Peret, Sua Majestade estabeleceu (lit. fez) uma fronteira meridional em Semna. O rei, textualmente: *Eu estabeleci a minha fronteira, indo (mais) ao sul (do que) os meus antepassados (lit. pais)*.

<sup>2</sup> Os artesões, escribas e construtores que residiram na vila de Deir el Medina foram os responsáveis não apenas pelo planejamento, execução e decoração dos sepulcros reais no Vale dos Reis e no Vale das Rainhas, como também pela edificação de suas próprias tumbas concentradas em duas necrópoles, que se situam no Leste (denominada Gournet Murai) e no Oeste (chamada Monte Ocidental). Apresentação no III Encontro Nacional de Estudos Egiptológicos, RJ, UFF, 2008.

<sup>3</sup> A presença da deusa nas ilhas do Mediterrâneo exemplifica com maestria o trânsito e a transculturação de divindades do Egito Antigo para o além-mar, como se acredita ter evidenciado. Negar empréstimos culturais tomados do Egito Antigo e transformados para uso das populações contemporâneas é tão sério quanto ignorar que um obelisco localizado em qualquer cidade brasileira, ou mesmo aqueles monumentais como o de Buenos Aires e/ou de Washington foram construídos a partir dos sentidos que os obeliscos possuíam em seu local de origem: o Egito Antigo. Eles representam, portanto, uma forma de africanidade no cotidiano do novo mundo.